

Quando as partes não se diluem no todo: ver além das diferenças



16 de dezembro de 2023

A diversidade de culturas, tradições, saberes e poderes que nos caracterizam enquanto humanos, têm-se cruzado no meu horizonte científico e académico desde sempre, e no meu quotidiano de forma contundente. Aprendi a reconhecer que o todo é mais do que a soma das partes, mas que isso é apenas o ponto de partida para a compreensão. Devemos ir além dessa rede interconectada que se materializa num tecido uno em que cada partícula, por mais pequena que seja, mantém relações de interdependência. Ir além nessa compreensão desafia-nos a procurar patamares onde a complexidade do todo não dilua as suas partes, o que se traduzirá numa visão inclusiva, por exemplo, de toda a diversidade de conhecimentos e saberes presentes: do conhecimento científico aos outros saberes, designados locais, tradicionais, indígenas, originários. O reconhecimento e a articulação destes diversos saberes é fundamental para a sustentabilidade, o combate às alterações climáticas, o bem-estar e o bem-viver de todos os seres.

Nos territórios onde me encontro em trabalho e que integram comunidades de pertença tão diversificadas, com ancestralidades marcadas pela exclusão e destituição que

condicionam o presente possível, sempre sob variadas ameaças, sociais, políticas e naturais/ambientais, e as comprometem numa luta pelo reconhecimento e reparação histórica, posso testemunhar a riqueza desses saberes. Esses conhecimentos tradicionais, reveladores da sua profunda conexão com a natureza, que ocorre em outras temporalidades e com outros atores, com sentidos e significados bem diversos, ensinam-nos lições cruciais sobre a relação de respeito, de empatia e de conservação/renovação da natureza. As tradições dessas comunidades, por sua vez, compartilham saberes valiosos sobre a possibilidade de coexistência sustentável com a terra e o mar e todos os seres.

Contudo, não podemos ignorar que esses territórios também abrigam lutas pelo poder e confrontos de forças. A decolonialidade apresenta-se como uma batalha constante para romper com a memória de um passado colonial opressor que se projeta de múltiplas formas no presente e que tende a obscurecer a visão de um futuro inclusivo, que tanto necessitamos para enfrentar os desafios socio-ecológicos com que nos deparamos.

Na minha estada junto ao outro antropológico, também encontro xenofobias contra o "branco ocidental, e português, colonizador". Isso, muitas vezes, é um reflexo do enorme sofrimento e amargura que as injustiças e agressões coloniais deixaram para trás, mas que impregnam o presente a cada passo, a cada olhar, a cada momento. A solução para reconciliar todas essas facetas está na articulação de saberes e na negociação, que nos permite encontrar soluções que considerem a diversidade de perspectivas, valores e interesses nos territórios.

A ideia de que "o todo é mais do que a soma das partes" é uma noção profundamente significativa e relevante quando aplicada à nossa compreensão da humanidade e ao nosso papel na preservação do planeta e de todos os seus habitantes, sejam eles seres humanos ou não. Esta ideia convida-nos a ver além das nossas diferenças superficiais, como cor da pele, sexo, religião e nacionalidade, e reconhecer que todos compartilhamos uma conexão fundamental como parte de um único sistema vivo: a Terra. Tenho claro para mim que a busca da reparação tem de ser libertadora de toda e qualquer forma de injustiça. Devemos avançar com o objetivo de construir sociedades igualitárias na luta pela vida num planeta que requer a nossa ajuda para viver sem o agredir mais e sem nos agredirmos.

Fátima Alves, Socióloga e Professora Universitária